

CHICO BENTO EM INGLÊS: UMA PROPOSTA FUNCIONALISTA

CHUCK BILLY IN ENGLISH: A FUNCTIONALIST PROPOSAL



Elisângela Liberatti¹
(Doutoranda - PGET/UFSC/Florianópolis/SC/Brasil)
elisliberatti@hotmail.com

Resumo: O objetivo deste trabalho é trazer alguns exemplos da tradução de quadrinhos do Chico Bento proposta pela autora do artigo em sua pesquisa de mestrado. A tradução proposta possui enfoque funcionalista e traz o conceito de pseudodialetto, caipira sugerido por Bagno (2011). Partindo-se do princípio de que os quadrinhos do Chico Bento retratam, ficcionalmente, o caipira brasileiro, e que a fala dos personagens seja uma tentativa de representação do cenário caipira dessas histórias, a tradução proposta busca manter o pseudodialetto caipira representado nos quadrinhos, além de adaptar tais quadrinhos ao seu leitor final, conceito da teoria funcionalista de Nord.

Palavras-chave: tradução, histórias em quadrinhos, Chico Bento, funcionalismo nordiano, pseudodialetto caipira.

Abstract: The objective of this work is to bring some examples of the translation of Chuck Billy's comics proposed by the author of this paper on her master's research. The proposed translation has a functionalist base and brings the concept of hillbilly (pseudo)dialect suggested by Bagno (2011). Assuming that Chuck Billy's comics try to fictionally portray the life of a Brazilian hillbilly and that the character's speech is an attempt to represent the hillbilly scenario of such comics, the proposed translations try to maintain the hillbilly (pseudo)dialect represented in the comics, as well as to adapt such comics to the public to whom the TT is destined, a concept from Nord's functionalist approach.

Keywords: translation, comics, Chuck Billy, Nord's functionalist approach, hillbilly (pseudo)dialect.

171

1. INTRODUÇÃO

O surgimento oficial das histórias em quadrinhos (HQs) ocorreu no final do século XIX, nos Estados Unidos, e está ligado à emergência dos meios de comunicação em massa e também a um aumento do número de leitores da mídia impressa. HQs podem ser basicamente definidas como desenhos feitos em quadros, com uma sequência, que podem conter textos verbais e/ou não verbais (figuras). Histórias desenhadas passaram a ter grande aparição em meios impressos no começo do século XX. Na Europa, eram publicadas, em sua maioria, em revistas infantis. Seu principal intuito não era o entretenimento, mas sim a educação, servindo como um meio de introdução da criança ao mundo da leitura e da escrita (ZANETTIN, 2008).

LIBERATTI. Chico Bento em inglês: uma proposta funcionalista.
Belas Infêéis, v. 2, n. 1, p. 171-189, 2013.

Já nos Estados Unidos, as tirinhas não se dirigiam exclusivamente ao público infantil, atingindo tanto crianças quanto jovens e adultos. Em 1930, os gibis viraram um fenômeno comercial e artístico nesse país, devido a sua forma fácil de comunicação e por serem publicações baratas (ZANETTIN, 2008).

A primeira publicação brasileira de HQs se deu em 1869, de autoria do italiano Ângelo Agostini. Em 1905, ainda no Brasil, cria-se a revista *O Tico-Tico*, marco do quadrinho nacional. Em 1937, Roberto Marinho entra na área dos quadrinhos, com o jornal *O Globo*. Mas foi somente em 1951 que os quadrinhos passam a ser considerados pela primeira vez como uma linguagem, a partir da Primeira Exposição Internacional de Quadrinhos, ocorrida no Brasil (LIBERATTI, 2012).

Em 1950, a Editora Abril traz ao Brasil o Pato Donald e o Zé Carioca, criados por Walt Disney. Nessa mesma época, surgem as adaptações dos clássicos de romances da literatura para os quadrinhos, criando-se, também, os heróis nacionais, com a finalidade de combater a concorrência americana. Na década de 1960 surgiram vários quadrinistas brasileiros e, conseqüentemente, inúmeros personagens (LIBERATTI, 2012).

172 Nessa época, Maurício de Sousa, criador da Turma da Mônica, aparece em cena. Maurício começou a escrever quadrinhos em 1959, publicando tirinhas de jornal aos domingos. Em 1970, Maurício cria HQs em formato de revista de banca, com a personagem Mônica, que foi lançada com tiragem de 200 mil exemplares. Dois anos depois, veio a revista do Cebolinha e, nos anos seguintes, as revistas do Chico Bento (lançada em 26 de agosto de 1982), do Cascão, da Magali, entre diversas outras.²

Atualmente, as criações e produções da MSP (Maurício de Sousa Produções) são conhecidas e comercializadas tanto no Brasil quanto internacionalmente; e os leitores brasileiros contam, também, com gibis da Turma da Monica em inglês e em espanhol nas bancas do país (disponível em: www.monica.com.br). As HQs de Maurício são traduzidas para 50 idiomas diferentes e vendidas em mais de 120 países, entre eles Estados Unidos, Itália, Indonésia e Espanha.³

Apesar do grande número de personagens de HQs e do fato de os quadrinhos serem distribuídos mundialmente, a produção de conhecimento acadêmico na área de quadrinhos e, mais especificamente, na área de tradução de quadrinhos, ainda tem um longo caminho a percorrer. Dentro desse cenário de carente conhecimento na área de tradução de quadrinhos, este artigo é um resumo da pesquisa de mestrado realizada pela autora e concluída em 2012. O intuito da pesquisa de mestrado foi realizar uma tradução comentada de duas HQs da

LIBERATTI. Chico Bento em inglês: uma proposta funcionalista. *Belas Infêis*, v. 2, n. 1, p. 171-189, 2013.

revista *Chico Bento*, no par-linguístico português-inglês, tendo a teoria funcionalista de Nord como base teórica e metodológica, além da intenção de se manter na tradução proposta a fala não padrão existente no texto-fonte (TF), aqui denominada pseudodialecto caipira (termo explicado mais adiante).

Uma das primeiras menções à tradução de HQs na disciplina de Estudos da Tradução aparece em 1960, em Jakobson, quando o autor cita os quadrinhos como um exemplo de tradução intersemiótica (ZANETTIN, 2008, p. 9). Já Celotti afirma que “os Estudos da Tradução estão levando muito tempo para reconhecer a especificidade dos quadrinhos: um espaço narrativo em que elementos pictóricos carregam significado não menos do que as mensagens verbais, sobre as quais eles normalmente têm primazia [...]. Hoje, a literatura sobre tradução de quadrinhos é bastante fragmentada [...]” (CELOTTI, 2008, p. 33⁵). É dentro desse contexto de escassa produção de conhecimento na área que a pesquisa realizada se insere.

2. CHICO BENTO

As HQs do Chico Bento retratam a rotina diária do que supostamente seria o típico caipira brasileiro, e essa representação é reforçada pela variação linguística presente na fala dos personagens. Uma vez que toda linguagem é tida como uma forma de representar o mundo, a linguagem em Chico Bento nada mais é do que uma tentativa de reforçar a representação do ambiente rural apresentado nas HQs. Quanto a isso, Cintrão aponta que

os textos ficcionais que trabalham a construção de personagens, incluindo-se aqui histórias em quadrinhos e literatura infantil, frequentemente se valem, em diálogos, de marcas de dialetos regionais e registros (entre mais e menos formais, por exemplo), para caracterizar suas personagens ou as próprias relações interpessoais entre personagens (CINTRÃO, 2008, p. 2727).

Dentro desse contexto, este artigo traz alguns quadros da tradução comentada de quadrinhos do Chico Bento proposta pela autora em sua pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução, da Universidade Federal de Santa Catarina (PGET/UFSC) e concluída em 2012.

As fontes que informam as traduções propostas são as seguintes:

- Website da Turma da Mônica: há disponíveis três HQs do Chico Bento e suas respectivas traduções para o inglês;

- Quadrinhos de Li'l Abner: produzidas no período entre 1934 e 1977, as historinhas de Li'l Abner são de autoria de Al Capp (1909-1979) e têm grande impacto cultural nos Estados Unidos. Buscam representar de forma satírica o que seria o típico caipira estadunidense (em inglês, *hillbilly*). O cenário em que se passa a maioria das histórias é a cidade ficcional de Dogpatch, em Kentucky, Estados Unidos. Com os quadrinhos de Li'l Abner, Capp buscou representar tanto linguística quanto extralinguisticamente o típico *hillbilly* que vive na região das montanhas dos Apalaches, nos Estados Unidos. A MSP utiliza os quadrinhos de Li'l Abner como base para as traduções do Chico Bento pelo fato de as falas dos personagens em Li'l Abner serem representadas com inglês não padrão, em que o Capp buscou reproduzir um inglês caipira estadunidense.

2.1 PSEUDODIALETO CAIPIRA EM CHICO BENTO

174

Uma vez que o propósito do trabalho envolveu a tradução comentada de um texto que possui uma variante linguística não padrão, fez-se de vital importância uma definição terminológica da linguagem utilizada em Chico Bento. O termo proposto pelo professor, linguista e tradutor Marcos Bagno (2011), em comunicação pessoal, foi o pseudodialecto caipira. Tal escolha é esclarecida a seguir.

Em primeiro lugar, não se pode chamar de dialeto⁶ caipira a fala de Chico Bento, uma vez que, segundo Bagno,

a “fala” do Chico Bento não corresponde a nenhuma entidade sociolinguística real: ela é, de fato, uma tentativa de representação, nem uma representação propriamente dita ela é. Não cabe chamar de “dialeto caipira” porque só podemos usar a palavra “dialeto” quando se trata de uma fala autêntica (BAGNO, 2011, em comunicação pessoal, grifos nossos).

Em entrevista realizada em 2011, o linguista ressalta, ainda, que

é preciso sempre deixar bem claro que as historinhas do Chico Bento [...] não são uma representação fiel de nenhuma variedade linguística verdadeira. Em todas essas manifestações o que existe é uma representação artística de uma variedade linguística imaginada pelo autor. Por isso, optei pela denominação de “pseudodialecto”, porque não é um dialeto verdadeiro, é um dialeto “falso”, “fingido”, no sentido usado por Fernando Pessoa ao dizer que “o poeta é um fingidor”. É a recriação artística de uma representação imaginária que o autor tem do que seja a variedade linguística que ele tenta representar (BAGNO, 2011, p. 210, grifos nossos).

Bagno afirma que “o desenhista [Maurício de Sousa] não tem nenhuma obrigação de representar fielmente a fala de seus personagens, até porque uma representação cem por cento fiel só poderia ser feita por meio de transcrições fonéticas detalhadas, o que simplesmente

tornaria as revistas ilegíveis!” (BAGNO, 2007, p. 122). Segundo o autor, a finalidade da representação da fala dos personagens em Chico Bento é criar uma atmosfera característica da vida no campo, inserindo, assim, o leitor em um universo cultural e social diferente daquele representado convencionalmente pela ortografia padrão.

3. A TRADUÇÃO DE DIALETOS

A tradução de dialetos em geral é algo revelador e pouco explorado na área de Estudos da Tradução. Segundo Hatim e Manson (1990), “a representação em uma língua fonte de um dialeto específico cria um problema inevitável: qual dialeto da Língua Alvo usar?”⁷ (HATIM; MANSON, 1990, p. 4). É dentro desse contexto de tradução de dialetos, no caso o pseudodialeto caipira, que a tradução proposta nesta pesquisa se realiza.

A definição de Halliday para dialeto é que este é uma variante que (1985, p. 44⁸), “a pessoa fala porque ‘pertence a’ (vem de um lugar ou escolheu deslocar-se até ele) uma região, classe social, casta, geração, faixa etária, grupo sexual, ou outro grupo relevante dentro da comunidade”. Essa citação nos permite afirmar que um dialeto ou pseudodialeto é carregado de significados, uma vez que, por meio dele, seu usuário expressa, indiretamente, suas características, como, por exemplo, sua classe social, econômica, etc. Ora, se um (pseudo)dialeto faz mais do que apenas comunicar, como poderia ele ser simplesmente ignorado no ato tradutório? Levar em consideração um (pseudo)dialeto no ato tradutório não significa, necessariamente, substituí-lo por outro dialeto ou pseudodialeto no TA, mas sim estudar-se suas possibilidades tradutórias, e não simplesmente ignorá-lo.

A tradução de dialetos é bastante delicada pelo fato de que um dialeto é carregado de marcas sociais, históricas, culturais e econômicas, e isso não se faz diferente com a fala não padrão do Chico Bento. Com isso, um dialeto – ou pseudodialeto – utilizado por certo personagem diz muito sobre suas características pessoais, características estas que, sendo bastante significativas, são importantes a ponto de serem levadas em conta no ato tradutório. Se neutralizadas no TA, tais marcas poderiam descaracterizar as principais qualidades do(s) personagem(s).

O professor José Roberto O’Shea, em entrevista à revista *Cadernos de Tradução*, comenta, ao ser questionado com a pergunta “Como você lidou com a questão dos dialetos, na tradução de, por exemplo, Dublinenses e de Antonio e Cleópatra? Existe algum tipo de política de imposição de padrões dialetais favoritos?”:

LIBERATTI. Chico Bento em inglês: uma proposta funcionalista.
Belas Infíéis, v. 2, n. 1, p. 171-189, 2013.

A questão do dialeto em tradução é extremamente complexa, e não há fórmulas mágicas. [...] Não se pode ignorar o dialeto, pois sabemos, pelo menos desde Bakhtin, que a fala é o componente decisivo no processo de construção de um personagem. Mais uma vez, a estratégia do tradutor é pautada pela situação dramática em si. Diante de um personagem cujas variantes linguísticas [*sic*] expressam – caracterizam –, nitidamente, a sua condição sociocultural, o tradutor tenta produzir efeitos textuais semelhantes ao do original, seja por meio de desvios ou de afirmação da norma culta, dependendo, obviamente, da classe social e da formação cultural do falante em questão. Vale lembrar que, em se tratando de ficção, tanto para o autor quanto para o tradutor, a questão dialetal está a serviço da arte, da inventividade, e não da dialetologia. [...] o objetivo da variação linguística [*sic*] é caracterizar o personagem, e provocar efeitos textuais. No meu entendimento, o mesmo vale para a tradução (O'SHEA, 2001, p. 395).

O pseudodialeto usado pelos personagens em Chico Bento tem a função de caracterizar o mundo caipira. A variante linguística utilizada nos quadrinhos do Chico Bento tem a função de ajudar a construir a identidade dos personagens – no caso, representantes do mundo caipira. Sobre isso, Bagno discorre que

se o Chico Bento passar a falar “segundo a norma culta”, ele simplesmente deixa de ser o Chico Bento! A graça do personagem está precisamente no seu linguajar, na sua visão de mundo característica da cultura rural, no seu apreço pela vida do campo, entre outros aspectos (2007, p. 123).

176

Na tradução dos quadrinhos do Chico Bento, a neutralização da fala também descaracterizaria o personagem. Se o ato tradutório simplesmente ignorasse o pseudodialeto caipira dessas HQs, homogeneizando o texto para uma fala padrão, o TA perderia grande parte do propósito presente no TF: o de representar uma zona rural, através do uso de um linguajar caipira.

4. FUNCIONALISMO ALEMÃO: O MODELO DE NORD

A tradução comentada proposta neste trabalho utiliza como ferramenta teórico-metodológica a teoria funcionalista sugerida por Christiane Nord em 1991. A Teoria do Escopo (Skopostheorie), proposta por Vermeer (1978), é a teoria básica que dá fundamento ao funcionalismo moderno, sendo o autor o propulsor e mentor do funcionalismo. Segundo Vermeer, tradução não é um processo essencialmente linguístico, mas, sobretudo, um processo cultural. É a partir desse conceito que surge a Teoria do Escopo, na qual Vermeer defende que toda tradução possui um objetivo (*skopos*: palavra grega que significa “propósito”), e as escolhas tradutórias são determinadas pelo propósito comunicativo almejado pelo cliente (por exemplo: “vender”, “instruir”, “convencer”, etc.) (ZIPSER, 2002).

Antes de Vermeer trazer a ideia de Skopostheorie, Katharina Reiß, em 1971, surge com o conceito de “tipologia textual”. De acordo com Reiß, há três tipos de textos: o

informativo, o expressivo e o apelativo. O texto informativo é centrado no conteúdo, o texto expressivo é centrado na forma e o texto apelativo é centrado no apelo. A autora sugere, então, estratégias de tradução adequadas a cada tipo de texto.

Em 1991, Nord retoma as ideias sugeridas por Reiß (1971) e Vermeer (1978), sistematizando-as e aplicando-as à formação de tradutores e ao processo tradutório em si. Os objetivos de seu modelo de análise textual são: *i.* oferecer informações que auxiliem a compreensão e a análise do TF; *ii.* propiciar critérios capazes de informar estratégias de tradução, baseando-se na função do TA; e *iii.* oferecer critérios para avaliar o TA (ZIPSER, 2002).

Com a finalidade de “... estabelecer a função do texto de partida dentro da cultura de partida, para então compará-la à provável função do texto de chegada na cultura de chegada e, por fim, identificar tanto os elementos que serão preservados, quanto aqueles que serão adaptados na tradução” (LEAL, 2006, p. 2), Nord propõe um modelo de análise textual voltado à tradução. Tal modelo abrange duas categorias: os fatores extratextuais e os fatores intratextuais. Para ambos os fatores, Nord sugere perguntas que devem ser respondidas durante o ato tradutório.

As perguntas sobre os fatores extratextuais são referentes ao emissor (quem?), à intenção do emissor (para quê?), à recepção (para quem?), ao meio (por qual meio?), ao lugar (onde?), ao tempo (quando?), ao propósito (por quê?) e à função textual (com qual função?). Já os fatores intratextuais referem-se ao tema (sobre qual é o tema?), ao conteúdo (o que?), às pressuposições (o que não?), à estruturação (em qual ordem?), aos elementos não verbais (com quais elementos não verbais?), ao léxico (com quais palavras?), à sintaxe (com quais tipos de sentenças?) e aos elementos suprasegmentais (em qual tom?). Por motivos de espaço, não entrarei em detalhes sobre cada um dos fatores de análise propostos por Nord. Porém, eles podem ser encontrados em minha dissertação.⁹

5. TRADUÇÃO COMENTADA

As HQs traduzidas e comentadas são as seguintes:

- HQ “Um homem de negócios” (disponível em: <www.monica.com.br>) e sua tradução para a HQ intitulada “Business”, bem como seus respectivos comentários;
- HQ “A chamada oral”.¹⁰

Por motivo de espaço, neste artigo, destaco alguns quadros da tradução e seus comentários. As historinhas completas, bem como suas respectivas traduções e comentários, podem ser encontradas em minha dissertação.

5.1. TRADUÇÃO COMENTADA DE ALGUNS QUADROS DA HQ “UM HOMEM DE NEGÓCIOS”



© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

178



© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

Apesar de o personagem Zé da Roça utilizar linguagem padrão em suas falas em português, nas traduções para o inglês realizadas pela MSP sua fala é representada pela linguagem não padrão da língua. Por isso, optei por seguir a linha tradutória da MSP, deixando as falas do personagem Zé da Roça com o pseudodialeto caipira em inglês.

O termo “quermesse” foi traduzido para *fair* (“feira”, em português), uma vez que quermesse tem um sentido diferente nas culturas brasileira e estadunidense. Nos Estados Unidos, “quermesse” (*kirmess*) refere-se a qualquer evento ao ar livre, ao passo que no Brasil “quermesse” refere-se a festas paroquiais, religiosas, e, normalmente, com comidas

tipicamente caipiras. A quermesse brasileira tem algumas características da festa junina. Por isso, para que a tradução funcione para a Cultura Alvo (CA), decidiu-se utilizar um termo abrangente e comum a ambas as culturas envolvidas: *fair*.



© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



Copyright © 2000 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

180

Nas duas sequências anteriores, “abóbora”, “abóbora-menina” e “abóbora-moranga” foram traduzidos, respectivamente, por *squash*, *zucchini* e *pumpkin*. No TF, o jogo de palavras funciona para o público brasileiro, pois a fada pede por abóbora e Chico Bento pode usar o mesmo léxico para perguntar o tipo de abóbora solicitado; porém, no TA, teve que se fazer uma adaptação e, nesse caso, o jogo de palavras não pôde ser mantido. *Squash* é um termo generalizado que inclui quatro diferentes espécies do gênero *Cucurbita*, estando dentre eles a espécie *C. pepo*, que abrange a maioria das abóboras-moranga (*pumpkins*) e das abobrinhas (*zuchinis*).¹¹ Com isso, o termo “abóbora-menina” foi traduzido para o TA como sendo “abobrinha”, uma vez que foi o correspondente mais adequado para o TA, pois a “abóbora-menina” é uma planta brasileira e, portanto, seu nome em inglês pode não ser conhecido para o leitor infanto-juvenil estadunidense.



Copyright © 2000 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



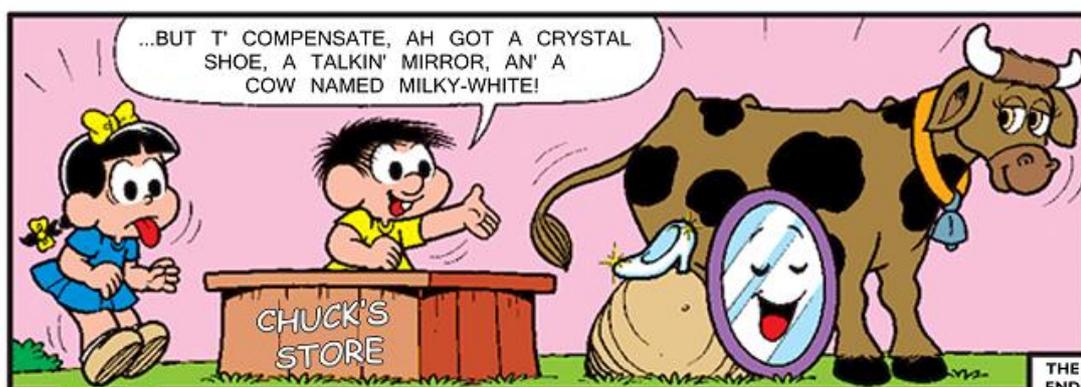
2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

O nome João do TF foi traduzido por “Jack”, pois esse personagem representa o menino João do conto *João e o pé de feijão*, que, em inglês, chama-se *Jack and the beanstalk*. Com isso, o “João” do conto em português é o “Jack” do conto em inglês. Aqui, novamente, temos a intertextualidade presente, referente a um conto de fadas mundialmente conhecido. Espera-se, então, que a ligação do João com os feijões também ocorra no TA.

181



Copyright © 2000 Maurício de Sousa Produções Ltda. Todos os direitos reservados.



© 2010 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

Em algumas variações em inglês de *João e o pé de feijão*, a vaca, personagem do conto de fadas, chama-se Milky-white.¹² Os contos de fadas abordados nessa HQ são de conhecimento mundial; por isso, presume-se que o humor presente no desfecho da HQ, em que os objetos são relacionados aos respectivos personagens dos contos, e o entendimento da HQ como um todo, sejam mantidos no TA.

5.2 TRADUÇÃO COMENTADA DE ALGUNS QUADROS DA HQ “A CHAMADA ORAL”



© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

Segundo e-mails trocados com William Hanes em 2012, e também segundo pesquisa realizada no *website* <<http://www.merriam-webster.com/dictionary/sympathy>>, a palavra “simpatia” tem uma conotação na cultura brasileira sem correspondente na cultura estadunidense. Por isso, não poderia ser traduzida literalmente por *sympathy*.

No Brasil, “simpatia” diz respeito a uma crença tradicional ligada ao nosso folclore e pode ser realizada para, por exemplo, trazer o amor perdido de volta. Hanes me informou que, embora na cultura dos Estados Unidos existam muitas superstições, elas não são tão fortes quanto as crenças brasileiras. Segundo ele, “simpatia” pode ter uma leve aproximação ao que

se entende por “vodu” nos Estados Unidos. Como a palavra “vodu” é um termo que pode ser interpretado pejorativamente pelo público brasileiro, sendo algo muito específico e, além disso, não adequado para o público infanto-juvenil, optou-se pela escolha da expressão *magic spell* (em português: “feitiço mágico”), por ser um termo mais neutro e abrangente. Além disso, encontrei informações relativas a feitiços mágicos¹³ para quem quer ir bem em algum teste, o que está ligado ao tema da HQ em questão, já que Chico Bento faz um “feitiço mágico” para ir bem na prova.



© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



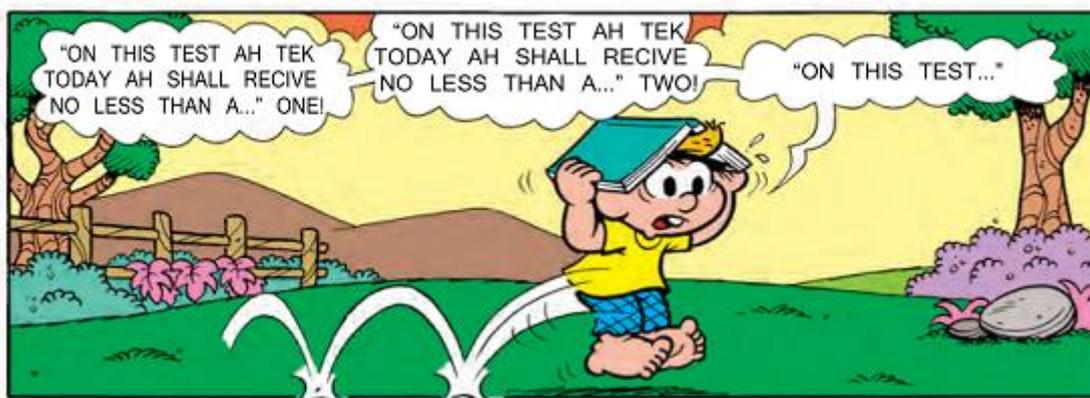
© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

A tradução da cantiga presente no TF não foi literal, uma vez que a cantiga no TF é um item de especificidade cultural. Pesquisas mostram que há um feitiço em inglês para se obter boas notas em provas, e a cantiga desse feitiço seria: “On this test I take today I shall receive no less than A. Earth, Wind, Fire and Sea, as I say so mote it be!”¹⁴ (em tradução livre: “Nesse teste que realizarei hoje, não devo tirar menos que A. Terra, Vento, Fogo e Mar, como eu digo então assim seja”). Tive a necessidade de abreviar a cantiga no TA, uma vez que, por ser muito longa, a cantiga em inglês não caberia no espaço disponível nos balões.

LIBERATTI. Chico Bento em inglês: uma proposta funcionalista. *Belas Infééis*, v. 2, n. 1, p. 171-189, 2013.



© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.



© 2012 Copyright Maurício de Sousa – Todos os Direitos Reservados.

Nas ocasiões em que há referências geográficas relativas ao Brasil no TF, é feita uma adaptação cultural, colocando-se, na tradução, referências geográficas mundiais e estadunidenses. Nos casos dos três quadros acima (em português e em inglês), temos:

- No 1º quadro, a referência ao maior rio brasileiro passou a ser, no TA, a referência ao maior rio do mundo (em tradução livre: “O maior rio do mundo é o Nilo”).¹⁵
- No 2º quadro, a referência ao ponto mais alto do Brasil, mencionado no TF, no TA passa a ser a referência ao ponto mais alto do mundo (em tradução livre: “A montanha mais alta do mundo é o Monte Everest”).¹⁶
- No 3º quadro, o TF faz menção a uma capital de um estado brasileiro, e no TA faço menção a uma capital de um estado dos Estados Unidos (em tradução livre: “A capital do Colorado é Denver”).¹⁷

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

As três HQs do Chico Bento traduzidas pela equipe de tradutores da MSP usam uma variante não padrão da fala em língua inglesa, denominada “pseudodialecto caipira”. A conservação da variante não padrão da língua no TA permite a manutenção da representação, em âmbito linguístico, do que seria o caipira apresentado no TF, ou seja, as HQs em português buscam representar um caipira brasileiro por meio de fatores linguísticos e extralinguísticos (figuras), e as HQs traduzidas para o inglês também procuram representar um caipira (norte-americano), por meio de fatores linguísticos, uma vez que os fatores extralinguísticos permanecem imutáveis na tradução.

O que se espera com as traduções propostas, então, é que se atinja o propósito almejado pela utilização do pseudodialecto caipira em Chico Bento. Pode-se afirmar que, tanto nas traduções da MSP, quanto nas traduções propostas nesta pesquisa, busca-se conservar o pseudodialecto caipira nas traduções do Chico Bento, mantendo-se a consistência do TA em relação à variante linguística existente no TF.

Ao traduzir um texto, o tradutor passa por importantes momentos decisivos. As escolhas, às vezes, são difíceis – ao escolher algo, abre-se mão de alguma coisa. Sobre a tradução que propus para a pesquisa, precisei decidir, em primeiro lugar, entre domesticar o texto ou estrangeirizá-lo. Minha tradução, então, seria toda pautada em cima dessa decisão, de modo a tornar coerente o que me propus a fazer na pesquisa. Pensando no principal público a ser atingido pelas HQs em questão (crianças, as quais não possuem conhecimento de outras

culturas e conhecimento de mundo aprofundado), e também desejando que o texto fosse compreendido por elas da maneira mais clara possível, a decisão foi a de “domesticar” o texto traduzido para o público-alvo. Ou seja: informações culturalmente marcadas sobre o Brasil foram adaptadas na tradução para informações, ora neutras (“quermesse” foi traduzido por “feira”, por exemplo), ora culturalmente marcadas sobre os Estados Unidos (país do suposto leitor final do texto). Além disso, o que me ajudou em relação a essa escolha foram as HQs que já haviam sido traduzidas pela MSP; nota-se, nessas HQs, que a tradução é adaptada culturalmente para seu público-alvo. Assim, a escolha da domesticação do texto me pareceu a mais sensata e coerente dentro deste contexto.

Com isso, espera-se como resultado final das traduções sugeridas que o TA atinja seu “suposto” público receptor, a criança estadunidense, por meio de adaptações (culturais) realizadas no ato tradutório dos textos em português para os textos em inglês, sendo possível, então, afirmar que as traduções propostas são funcionalistas. Lembrando que o objetivo, aqui, não é comprovar a funcionalidade do texto na recepção, uma vez que, para isso, seria necessária uma análise dos resultados alcançados do TA nos (supostos) leitores das traduções propostas (já que quem decide a funcionalidade de um texto é o seu receptor). O que se tem é um contexto de recepção ideal, utilizando-se de elementos na tradução capazes de torná-la um texto funcional, ou seja, que, teoricamente, funcione para o leitor final, o qual é hipotético.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A CHAMADA oral. Disponível em: revista **Chico Bento**, n. 61, p. 36-41, Brasil, 2012. Maurício de Sousa Editora – Panini Comics. Maurício de Sousa Produções.

ANSELMO, Zilda Augusta. **Histórias em quadrinhos**. Petrópolis, Vozes, 1975.

BAGNO, Marcos. **Dissertação sobre dialeto** [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[http://mbagno@terra.com.br](mailto:mbagno@terra.com.br)> em 27 maio 2011.

_____. Entrevista com o professor Marcos Bagno. Revista **In-Traduções**, v. 6, p. 209-212, 2011. Entrevista concedida a Elisângela Liberatti e Michelle de Abreu Aio.

_____. **Nada na língua é por acaso**: por uma pedagogia da variação linguística. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

CÂMARA JUNIOR, Mattoso. **Dicionário de linguística e gramática**. 19. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CELOTTI, Nadine. The Translator of Comics as a Semiotic Investigator. IN: Zanettin, Federico. **Comics in translation**. University of Perugia, Italy. St. Jerome Publishing, 2008. Pp. 33- 49.

CINTRÃO, Heloísa Pezza. Notas para um estudo da tradução literária do espanhol no Brasil. **Anais do V Congresso Brasileiro de Hispanistas** – UFMG, 2008, p. 2723-2732. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/espanhol/Anais/anais_paginas%20_2502-3078/Notas%20para%20um%20estudo.pdf>.

HALLIDAY, Michael Alexander Kirkwood. **Spoken and written language**. Victoria, Australia: Deakin University Press, 1985.

HANES, William. Tradução - mestrado [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[http://billeza@gmail.com](mailto:billeza@gmail.com)> em 10 fev. 2012.

HATIM, B.; MANSON, I. **Discourse and the Translator**. London: Longman, 1990.

LEAL, Alice Borges. Funcionalismo e tradução literária: o modelo de Christiane Nord em três contos ingleses contemporâneos. **Scientia Traductionis**, Florianópolis, SC, v. 2, n. 1, p. 1-9, 2006.

LIBERATTI, Elisângela. **Ara, Chico; Aw, Chuck**: uma tradução funcionalista de quadrinhos do Chico Bento. 2012. 165 p. Dissertação (Mestrado em Estudos da Tradução). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis – SC. Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Elisangela_Liberatti_-_Dissertacao.pdf>.

MAURÍCIO de Sousa. Disponível em Mundo HQ. [20-?]. <<http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=4&id=22>>. Acesso em: 06 mar. 2012.

NORD, Christiane. **Text Analysis in Translation: Theory, Methodology, and Didactic Application of a Model of Translation-Oriented Text Analysis**. Translated by Christiane Nord and Penelope Sparrow. Amsterdam: Atlanta, Rodopi, 1991.

_____. Dealing with Purposes in Intercultural Communication: Some Methodological Considerations. **Alicante** – Revista Alicantina de Estudos Ingleses, n. 14, p. 151-166, 2001.

MAURÍCIO de Sousa Produções LTDA. **Portal da Turma da Mônica**. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/index.htm>>. Acesso em: 15 jun. 2010.

O'SHEA, José Roberto Basto. Entrevista: José Roberto O'Shea. **Cadernos de Tradução** (UFSC), Florianópolis, v. 4, p. 391-400, 2001.

REISS, Katharina. **Möglichkeiten und Grenzen der Übersetzungskritik**. Kategorien und Kriterien für eine sachgerechte Beurteilung von Übersetzungen. Munich: Hueber. 1971.

UM homem de negócios. Disponível em: <<http://www.monica.com.br/comics/negocios/welcome.htm>>.

Vermeer, H.J. "Ein Rahmen für eine allgemeine Translationstheorie," *Lebende Sprachen* 23:99-102. 1978.

ZANETTIN, Federico. **Comics in translation**. University of Perugia, Italy. St. Jerome Publishing, 2008.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Dissertação** – ajuda [mensagem pessoal]. Mensagem recebida por <[http://metazipsers@gmail.com](mailto:metazipsers@gmail.com)> em 28 abr. 2012.

ZIPSER, Meta Elisabeth. **Do fato à reportagem**: as diferenças de enfoque e a tradução como representação cultural. 2002. 274 f. Tese (Doutorado em Letras Modernas). Universidade de São Paulo. São Paulo – SP. Acesso em: 18 jan. 2012.

¹ Currículo Lattes em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4464049Y8>>.

² Disponível em: <<http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=4&id=22>>.

³ Disponível em: <<http://www.mundohq.com.br/site/detalhes.php?tipo=4&id=22>>.

⁴ As citações em língua estrangeira são traduzidas por mim. Os respectivos originais encontram-se em notas de fim.

⁵ "It is taking Translation Studies a long time to recognize the specificity of comics: a narrative space where pictorial elements convey meaning, no less than verbal messages, over which they often have primacy [...]. Today, the literature on the translation of comics is quite fragmented [...]."

⁶ Dialeto é definido como "... falares regionais que apresentam entre si coincidência de traços linguísticos fundamentais. Cada dialeto não oferece [...] uma unidade absoluta em todo o território por que se estende, e pode dividir-se em subdialeto, quando há divergência apreciável de traços linguísticos secundários entre zonas desse território" (CÂMARA JUNIOR, 1998, p. 95).

⁷ "The representation in a ST of a particular dialect creates an inescapable problem: which TL dialect to use?"

⁸ "You speak because you 'belong to' (come from, or have chosen to move into) a particular region, social class, caste, generation, age group, sex group, or other relevant group within the community."

⁹ Disponível em: <http://www.pget.ufsc.br/curso/dissertacoes/Elisangela_Liberatti_-_Dissertacao.pdf>.

¹⁰ Disponível em: revista *Chico Bento*, Brasil, n. 61, p. 36 a 41, 2012. Maurício de Sousa Editora – Panini Comics. Maurício de Sousa Produções.

¹¹ Disponível em: <<http://www.delange.org/Squash/Squash.htm>>.

¹² Disponível em: <http://www.authorama.com/english-fairy-tales-15.html> e <http://www.surlalunefairytales.com/jackbeanstalk/notes.html>.

¹³ Informações retiradas dos seguintes *websites*:
<<http://www.oocities.org/jadeaustin/spells/appalachian.html.tmp>>;
<<http://www.spellsofmagic.com/spells.html>>; e
<http://www.spellsofmagic.com/spells/luck_spells/good_luck_spells/9597/page.html>.

¹⁴ Disponível em: <http://www.spellsofmagic.com/spells/luck_spells/good_luck_spells/9597/page.html> e <<http://www.whitemagic.ca/spell/Spell-For-Good-Grades.html>>.

¹⁵ Disponível em: <<http://ga.water.usgs.gov/edu/riversofworld.html>>

¹⁶ Disponível em: <<http://geology.com/records/highest-mountain-in-the-world.shtml>>.

¹⁷ Disponível em: <<http://www.50states.com/>>.